



## Pirapora Matrix



Tenho hoje a honra de dar início a uma nova sessão desse formidável informativo, o Echus do Ibaté. A partir de agora, mostraremos a todos um pouco do que foi, do que representou e representa a todos nós o **Seminário Menor Metropolitano de Pirapora do Bom Jesus**, muito de sua vida e de sua história. Esse espaço nasce agora, mas sua concepção é bastante antiga.

Todos sempre ansiamos tê-lo bem conhecido dos ex-alunos do Ibaté, demarcada sua importância e significado, bem como por boa oportunidade para revelar nossas experiências e o amor por aquele santuário de vocações sacerdotais que tanto nos educou para a vida. É certo que inúmeros colegas nossos do Ibaté vão participar dessa nova conversa com os leitores. Foi lá que aconteceu a concepção do Seminário de São Roque... Foi onde tudo começou, de modo que podemos afirmar longe de qualquer dúvida que o Ibaté é o filho amado de Pirapora.

Eu também dei meus primeiros passos como seminarista em Pirapora - em 1947, entramos juntos, eu e meu saudoso irmão, Benedito Paulo de Mello. Dois anos depois, em 1949, fizemos parte da turma que inaugurou o Ibaté. Éramos 75 alunos. Lembro-me desse dia com muita alegria e orgulho. Isso faz bastante tempo, mas não importa, pois eu e tantos amigos contemporâneos temos muitas e muitas histórias para contar... Aos poucos os

leitores ficarão sabendo de várias delas; caminhamos devagar, chegaremos lá.

Para satisfação de todos eles, começamos com o belo texto de um piraporano, o **Agni Ariel Libera**, aluno em 1951, morador lá de Bragança Paulista-SP, em que ele recorda com muita emoção seus primeiros momentos naquela bela casa de Humanidades.

Boa leitura!

Pax et Bonum!

Um forte abraço ex immo cordis,

Otto Mello (1947/48-Pirapora-1949/52 São Roque)



Tão logo tomou conhecimento da criação de privilegiado espaço para o Seminário de Pirapora, o amigo **ANTÔNIO JURANDYR AMADI**, grande estudioso daquela casa premonstratense, manifestou grande júbilo por uma mensagem adornada de poesias que aqui reproduzimos:



"O espaço do Echus a ser dedicado ao saudoso Seminário de Pirapora (**PIRAPORA MATRIX**), onde tudo começou, de minha parte só pode receber os maiores encômios. Há nos remanescentes ex-alunos dele um fantástico acervo de lembranças, fatos, histórias, curiosidades, muitas vezes pessoais, que, além do dever de ser preservado, enriquecerá a todos os que dele tomarem conhecimento. Em Pirapora formaram-se os professores de S.Roque - a imensa maioria -, os métodos disciplinares, o teatro, a banda,

nossas tradições internas e até certas gírias.

Concito meus colegas piraporanos a serem os grandes geradores de seu acervo de lembranças pessoais para esse espaço precioso, antes que se percam.

Parabéns, Antonio Carlos Correa, por mais essa feliz ideia. Esteja certo de que serei, sem dúvida, um dos primeiros a dar-lhe meu ADSUM".

Ah! Que saudades!

*Meu Seminário! Estavas sobranceiro,  
incubada semente por inteiro  
aos pés da Santa Cruz.  
Não pensaste jamais em ir embora  
e, num saudoso adeus a Pirapora  
deixar o Bom Jesus.*

*Com jeito norbertino, sem retoque,  
silente te mudaste pra São Roque,  
na mesma serrania.  
Se de Jesus deixavas o regaço,  
acolhia-te agora em forte abraço  
a Virgem Mãe Maria.*

*Não tinhas mais aquela algaravia  
de um povareu chegado em romaria,  
em levas domingueiras,  
nem Tietê com barcos de romeiro,  
pelas águas singrando o dia inteiro  
as horas passageiras...*

(\*) Antonio Jurandyr Amadi, 81 (51/57), também ex-aluno do Seminário de Pirapora, turma de 1948, é engenheiro, pesquisador, escritor, poeta e tradutor de grego e latim j.jurandyramadi@gmail.com

# JAMAIS ESQUECEREI



Agni Ariel Libera\*

...que em 1950, eu estava numa festa, logo após a cerimônia de ordenação de um jovem da minha cidade. Cônego Martinho estava lá e lhe perguntei:

- O Sr. é que toma conta do Seminário lá de Pirapora? Ele sorriu e disse: - Sim, sou eu.

- Então o Sr. pode me esperar que no ano que vem vou pra lá.

Um pirralho de 11 anos tomando decisão sobre sua vida, sem consultar ninguém!

Meus pais nem discutiram. Meu padrinho de batismo pagou o enxoval e a viagem e lá fui eu. Era janeiro de 1951.

Na realidade, eu não sabia o que iria enfrentar. De cara, bateu a saudade de casa.

À noite eu ouvia uns e outros chorando de saudade e fazia de tudo para me agüentar. Até que numa delas explodi numa choradeira sem tamanho; queria sumir dali.

Na manhã seguinte, uma calma estranha tomou conta de mim e então comecei a desfrutar do ambiente, das aulas, das folgas, dos passeios que se iniciavam pela "Avenida do Jamelão", as idas ao nosso pequeno museu, à sala de ciências. Nas horas de estudo, domingo à tarde, o rádio era ligado, e dele

vinha a Sonata para corda de sol, de Johann Sebastian Bach, que até hoje me embala e me emociona. Jamais consigo ouvi-la sem me lembrar do Seminário.

E a Capela, com aquelas esculturas maravilhosas, e os anjinhos envernizados! Cada um com uma carinha diferente! Que enorme talento tinha o Irmão José Withofs! Passei horas na sua oficina, lixando as asas de uma enorme águia, muito parecida com aquela

que havia na Capela, simbolizando um dos evangelistas.

Que ousadia dos Premonstratenses, descarregando treze matérias diferentes sobre a criançada do preparatório! Um monte de matérias tradicionais, mais retórica, noções de latim e grego, letras góticas, canto gregoriano e...

Percebo agora a enorme visão que eles tinham.

Sabiam que podiam "puxar" pela criançada. Ainda hoje, tantos anos depois, me pego falando das coisas que lá aprendi. A vida foi muito difícil para meus pais naquele 1951, e nas férias percebi que era preciso ficar e pegar no batente, por isso, ainda pirralho, no início de 52, decidi não mais voltar.

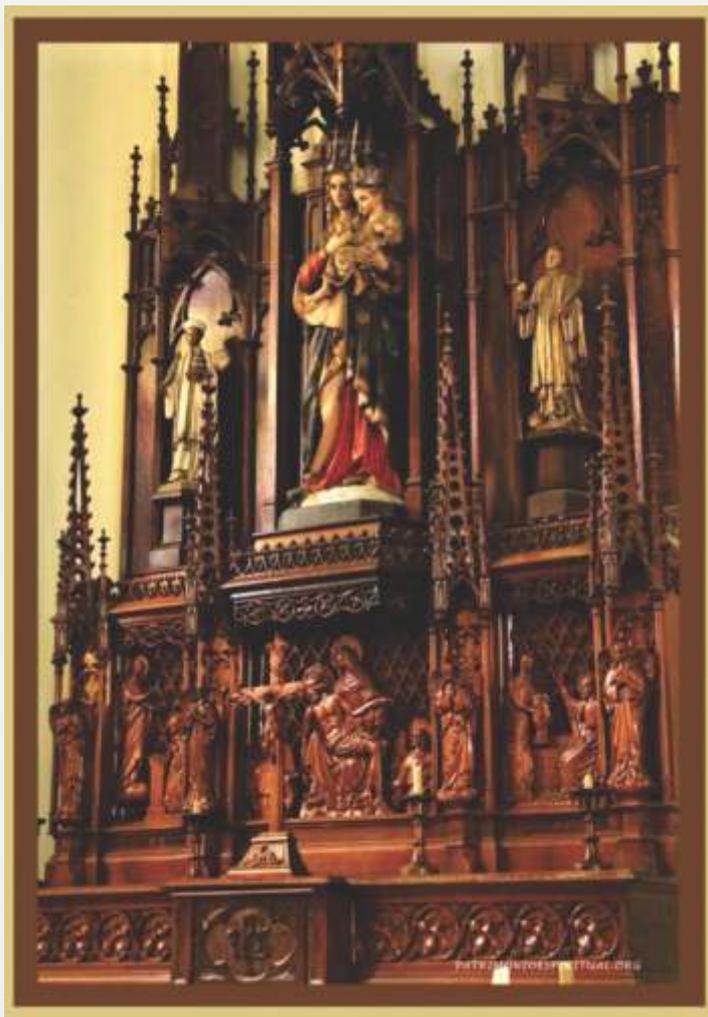
Há alguns anos, estive em Pirapora. Era domingo, onze da manhã e as visitas ao Seminário iniciariam às 14 horas. Eu não podia esperar! Então deixei o carro e a família esperando no portão lateral, subi a estrada dos eucaliptos (que dava bem em frente à oficina do Irmão José), pulei uma cancela e invadi.

Não havia uma alma! Andei por todo canto, matando a saudade. Ouvi cantos e risadas, dezenas de imagens voltaram a minha mente. Lembrei-

me de rostos e nomes, mas não sei se os juntei corretamente. Eu ri e chorei. Foi um momento mágico!

E agora, que o futuro chegou com suas máquinas extraordinárias, alguém se lembra de juntar recordações. Isso é muito bom! Faz um bem enorme à alma e é por isso que aqui registro algumas delas.

Paz e Bem para todos, Abraços



# O IBATEANO QUE NÃO CANSA DE ANDAR

Transcrevemos abaixo reportagem publicada no *Jornal Cruzeiro do Sul*, de Sorocaba/SP, edição de 04.12.2017, escrita pelo jornalista Adriano Catozzi, que conta as peripécias do colega OSWALDO BUZZO (62) pelo Brasil e pelo Mundo.

<http://www.jornalcruzeiro.com.br/materia/840859/aposentado-de-itu-percorre-mais-de-17-mil-km-a-pe-no-brasil-e-exterior>



Quando tinha 48 anos de idade, o então bancário Oswaldo Buzzo teve diagnosticadas duas hérnias de disco e, para não ter de se submeter a uma cirurgia, acatou o conselho médico de abandonar os esportes que provocassem impacto. Então, em 1º de janeiro de 2000 decidiu parar com as corridas (entre três e seis quilômetros diários e de 10 a 15 quilômetros aos finais de semana) que praticou por 25 anos e passou a nadar três vezes por semana e,

principalmente, a caminhar diariamente. Começou e não parou mais.

Hoje, aos 66 anos, esse ituano radicado em Campinas se orgulha de ter percorrido a pé 17.051 quilômetros, incluindo 11 trajetos diferentes para o Caminho de Santiago de Compostela, na Espanha, e uma infinidade de outros longos percursos pelo Brasil. Para se ter uma ideia, a volta na Terra tem 39.840 quilômetros.

Não estão computados aí os treinos de 10 a 15 quilômetros diários (de 5 a 8 na fase inicial).

**"Se somarmos todos os dias que caminhei, dá 551, são quase dois anos. Se for contarmos as caminhadas no dia a dia, desde que comecei, aí passei dos 63 mil até o momento"**, avalia.

Como esta entrevista foi feita há algum tempo, esses números já podem estar defasados. Ah: some-se aí mais 37 Romarias de Itu a Pirapora do Bom Jesus (de 50 quilômetros cada).

**"Tenho 11 compostelanas (documento que atesta ter chegado a pé à Catedral de Santiago de Compostela), mas já fiz 13 trajetos pela Espanha"**, lembra. O maior deles é conhecido como Via de la Plata e vai de Sevilha a Santiago, num total de 1.008 quilômetros. Buzzo percorreu também de Lourdes (França) a Santiago, que dá 926; de Lisboa a Santiago (630); o Caminho do Norte (838); e vários outros.

**"O menor que fiz foi o Caminho Inglês, de apenas (!) 126**

**quilômetros"**, registra.

Ele explica que para se chegar a Santiago de Compostela existem, basicamente, quatro grandes caminhos. Cada um entra na cidade destino por um lado e se encontram defronte à catedral. No entanto, existem inúmeros trajetos que confluem e acabam se unindo aos caminhos maiores. **"Neste ano eu fiz o de Montserrat, entrei no principal quando faltavam 600 quilômetros"**, conta.

No Brasil, o caminho mais conhecido é o da Fé, que teoricamente vai de Tambaú a Aparecida -- mas pode sair de Sertãozinho, de São Carlos, de Mococa, etc. Todos eles confluem em Águas da Prata. O teoricamente mais "fácil" é o Caminho do Sol, que sai de Santana de Parnaíba, passa por Pirapora do Bom Jesus, Cabreúva, a zona rural de Itu e Salto, Indaiatuba e vai até Águas de São Pedro. **"Não é tão bonito, nem o meu favorito, tanto que nunca o repeti. Mas é um caminho organizado, tem saídas de grupos mensais, poucos obstáculos, por isso é indicado para quem está começando"**, diz.

Mas muitos dos caminhos percorridos por Buzzo no Brasil não têm caráter religioso. É o caso da Estrada Real -- são 1.100 quilômetros de Diamantina (MG) a Parati (RJ) -- ou o das Missões, no RS, que são históricos; ou o circular Caminho dos Anjos, em MG, e o Circuito Europeu, em SC, que são culturais. Ele garante que ainda faltam vários caminhos a serem percorridos. **"Ah, tem inúmeros. Existem caminhos na Itália, na França, na Inglaterra. Primeiro quero terminar o que comecei agora, o caminho religioso da Estrada Real (ele fez "apenas" um trecho de 327 quilômetros). Está faltando ir de Congonhas (MG) a Aparecida (SP), em mais 700 quilômetros. Existe o caminho da Divina Providência, de Limeira a Aparecida, são 330 quilômetros. Tem o Circuito Caminho da Paz, lançado agora, são 400 quilômetros pelo interior de São Paulo."**

Mas, o que leva uma pessoa a chegar nesse nível de "obsessão" pelas longas caminhadas? Fé? Autoconhecimento? Desafio Físico? **"Para mim é um pouco de tudo isso"**, responde. **"Costumo dizer que são seis fatores: religiosidade;**

**desafio físico, pois a todo ano estou ficando mais velho, portanto, é sempre uma superação; cultural, pois vou aprender como se vive e o que existe em determinada região; o turismo, pois você está se locomovendo todo dia de um local para outro, dormindo em locais diferentes; o lazer, porque me divirto e não tenho hora**





*para sair ou chegar, não dou satisfação para ninguém, posso até beber depois que eu chego, pode ser uma segunda-feira na hora do almoço, não tem problema; e o sexto, muito importante, são*

*os momentos em que você passa em contato e interagindo com a natureza, quando você pode se "introspectar", repensar seus atos e sua vida, assim como planejar novas tentadas".*

Esse, por sinal, é um aspecto interessante. Buzzo gosta de fazer as longas peregrinações sozinho -- já tentou em grupo, mas não aprovou. **"O pessoal é legal, me diverti muito, mas tenho meu próprio ritmo e rotina. Não é todo mundo que gosta de acordar às 4h para iniciar o trajeto às 5h, por exemplo"**. Na família, os filhos (um casal já adulto) e a esposa vez ou outra até tentam acompanhá-lo nos treinos diários, mas não cogitam as longas caminhadas. **"Nem todo mundo tem tempo para isso"**, lembra Buzzo, agora

curtindo sua segunda aposentadoria (primeiro como bancário no Banco do Brasil e depois como analista judiciário na Justiça Federal). **"Estou aposentado depois de 46 anos trabalhando registrado, além de um ano no seminário e outro no quartel"**, gosta de frisar.

Os longos períodos passados sozinho em meio a lugares pouco habitados, também são um convite à reflexão para Oswaldo Buzzo. **"Acho que, como todo mundo, cometi alguns erros na vida. Mas**

**amadureci muito depois que comecei a caminhar. Passei a observar a natureza com outros olhos, ver a criação de Deus. São coisas que todo dia você exercita, seus olhos ficam mais atentos. Você não está sob pressão ou dirigindo um carro, isso muda seu modo de ver as coisas e a própria maneira de viver"**.

De tanto andar, não é exagero dizer que Oswaldo Buzzo, hoje com 66 anos, está melhor fisicamente do que quando começou a caminhar, aos 48. **"Em 2001 eu percorri 819 quilômetros em 28 dias. Foi um desafio forte, estava com 50 anos. Em 2014 eu refiz o mesmo trajeto, já com 63 anos, em 25 dias. Então, teoricamente estou mais "esperto". Talvez eu tenha conseguido manter a forma mas, também, tenho de considerar que hoje tenho materiais mais leves, uma mochila mais condensada, um calçado mais adequado que na época, materiais sintéticos. E a experiência também, isso auxiliou muito."** Mas não espere de Buzzo conversas sobre isotônicos, suplementos alimentares, proteínas, shakes, etc. Ele prefere falar, mesmo, sobre uma boa cachaça ou cerveja que vai degustar ao término de cada longa caminhada.

Os caminhos normalmente são percorridos em estradas de



terra (**"às vezes têm calçamento"**, diz) e são sempre sinalizados. Teoricamente não passam por propriedades particulares, quando isso ocorre é porque o proprietário permite. A vantagem dos dias atuais é que estão todos mapeados no Wikiloc, um aplicativo para compartilhamento de trilhas de GPS. **"Então você liga o GPS no celular e anda em cima, apesar de estarem sinalizadas"**, explica. Claro que atualmente, com o advento da tecnologia, as peregrinações tornaram-se mais seguras, mas não as tornam imunes a percalços. **"Já fui atacado por cães, por bois, por abelhas... encontrei cobras... passei por apuros no meio do mato e em lugares desertos, onde não passa ninguém e onde o celular não tem sinal. Duas vezes achei que ia ser assaltado, mas foi só um susto, graças a Deus."** Buzzo diz que os perigos são mais físicos, mesmo. **"Neste ano mesmo, no caminho de Santiago, passei por uma descida à beira de um desfiladeiro, cheio de pedras, que se eu tivesse um escorregão seria fatal, cairia num precipício imenso. Não tinha ninguém. Eu sabia que tinha esse perigo, mas não com essa agressividade. Foi um dos caminhos mais difíceis que já fiz."**

Ele lembra que, se você está caminhando no exterior, não pode se dar ao luxo de errar, se machucar ou ficar doente. **"Então, quando você consegue atingir seu objetivo, como aconteceu comigo já 11 vezes, a emoção é a mesma da primeira vez."**

Curiosamente, apesar de ter sido emocionante, na primeira peregrinação Buzzo sofreu tanto que disse para si mesmo que nunca mais voltaria. No entanto, foi picado pelo tal "vírus peregrino" e no de 2004 estava de novo lá. **"Todas as vezes que consigo atingir meu objetivo, é extremamente gratificante. É a emoção de superar você mesmo, de traçar uma estratégia e conseguir cumpri-la"**, diz.

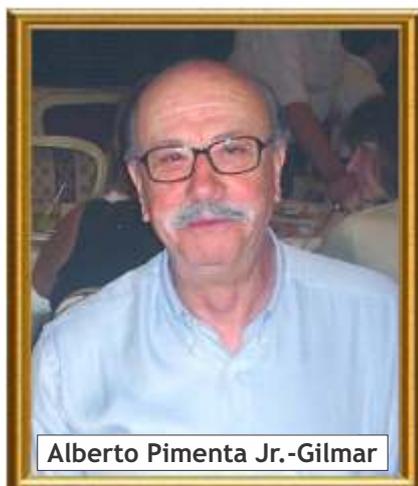
Essa paixão pelas peregrinações acabou fazendo de Oswaldo Buzzo uma

referência no assunto no Brasil. Ele mantém na internet um site ([www.oswaldobuzzo.com.br](http://www.oswaldobuzzo.com.br)) com relatos de suas peregrinações, dicas e informações sobre roteiros que já teve mais de um milhão de acessos. **"Tudo sem patrocínio algum"**, frisa.

Indagado se existe, no Brasil, alguém com maior "rodagem" que ele, Buzzo é franco: **"Pode ser, mas se tem não publicou nada na internet. Especificamente de Santiago de Compostela, existe no Brasil um senhor, que eu conheci pessoalmente, que fez 20 caminhos. Mas, no Brasil, ele nunca caminhou nada. Na Espanha, tem um médico que recentemente estava recebendo sua 57ª compostelana. Ele já caminhou mais de 100 mil quilômetros em caminhos. Mas ele está na Espanha, é mais fácil, né?"**, diz.



# NA CASA DO PAI



Alberto Pimenta Jr. - Gilmar

ADEUS, AMIGO! - Causou a mais profunda consternação aos familiares e amigos o falecimento do colega ibateano **ALBERTO PIMENTA JÚNIOR (53/58)** no dia 19 de dezembro de 2017, aos 77 anos. Perdemos o Gilmar! É assim que ele permanecerá sempre em nossa memória, como o nosso Gilmar. Nos tempos do Ibaté, ele jogava no gol. O eterno apelido lhe surge em homenagem e referência ao também quase perfeito goleiro do Corinthians, do Santos e da Seleção Brasileira. Paulistano nascido em 30 de janeiro de 1940, formou-se nas Arcadas em 1964 e cumpriu longa missão de Advogado na área trabalhista. Aos familiares, nossos pêsames pela enorme perda, e que essa dor se transforme em saudade e serenidade.

👉 Vide artigo de Walter Barelli na página 6, sobre reminiscências da juventude do nosso Gilmar.



Faleceu em 05 de janeiro de 2018, aos 91 anos de idade, **CARLOS HEITOR CONY**, destacado jornalista e escritor nacional. Apesar de não ter estudado no Ibaté, ele também foi seminarista, de 1938 a 1945 no Seminário Arquidiocesano de São José, no Rio Comprido, Rio de Janeiro.

Abaixo, pequena e bela crônica, elaborada pelo nosso colega **Joaquim Benedicto de Oliveira-Quinzinho (50/56)**.

## INFORMAÇÃO AO CRUCIFICADO

Eis que o mais rebelde seminarista partiu daqui deste mundo rumo à Casa do Pai. Ele foi sincero sempre. Inclusive teve a ousadia de informá-lo no momento em que decidiu trocar a alegria de ser sacerdote pela tristeza de ser um ex. A fé, para um homem racional como ele, era algo que poderia ser objeto de pesquisa interior. Bem diferente do ensinamento que ouvia no Seminário Arquidiocesano de São José no Rio Comprido. O leitor "escondido" das obras selecionadas para o Index Librorum Prohibitorum compensou suas necessidades intelectuais na escrita de romances. Entre eles, destaque especial para o Quase Memória (1995), verdadeiro romance-poema para encantamento de quem gosta de Literatura. A política fez parte de suas tristezas vitais e, por isso, nem sempre conseguiu manter o distanciamento necessário para dela tratar. Mas nem por isso deixou de ser brilhante até nas suas contradições. Amado Crucificado, por favor, receba sua alma carente do carinho do Pai, como a de um verdadeiro irmão, crucificado também pelas incertezas da vida. Viver foi sempre perigoso para ele, como o é para nós. Carlos Heitor Cony (1926-2018) um dia saiu do Seminário, mas nunca deixou de ser um ex.



Carlos Heitor Cony

**FS**  
**AMARAL**  
ADVOCACIA

### © F.S. AMARAL - Advogados Associados

Escritório de Advocacia à sua inteira disposição direcionado a causas públicas, educacionais, trabalhistas, cíveis e comerciais, com especialização em cobrança, direito da família, imobiliário, condominial e contratual.

Constituído por 5 advogados, todos eles com, no mínimo, dez anos de experiência: Dr. Francisco Fierro-17.392 (colega ibateano, turma de 1949), Dr. Carlos Eduardo de Sampaio Amaral-16.210, Dr. Dídio Augusto Neto-55.438, Dr. Fabiano de Sampaio Amaral-135.008 e Dr. Beraldo de Toledo Arruda-174.267.

Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, 350 – Conj. 13 - 01318-000 São Paulo - SP

Fone/Fax: (11) 3104-9308 / 3242-4903 / 3105-9896

[contato@fsamaral.com.br](mailto:contato@fsamaral.com.br) - <http://fsamaral.com.br>

# O EX-SEMINARISTA DESCOBRE O MUNDO



Walter Barelli\*

*(In memoriam de Alberto Pimenta Junior)*

Antes do último Natal, faleceu Dr. Alberto Pimenta Júnior, para nós o Gilmar como foi apelidado por ser o goleiro do nosso time em São Roque, alcunha recebida como corintiano confesso, como alguns dos nossos colegas. Aproximamo-nos quando "arrepiamos carreira", que na gíria da época significava sair do Seminário, ele egresso do Seminário de São Roque, eu do primeiro ano de Filosofia do Seminário do Ipiranga.

Diferentemente de outras dioceses, nosso Seminário Menor não ficava na cidade, mas isolado no meio de um grande sítio a 5 km de São Roque. Pode-se dizer que o contato externo era esporádico, com os caseiros que cuidavam da portaria e do caminhão para as compras na cidade. As quintas feiras, era comum termos caminhadas pela estrada que levava à cidade. Íamos a capelinha de Santo Antônio e voltávamos. Uma vez fomos até a Araçariguama, outra de ônibus até Pirapora. Uma ou duas vezes subíamos o maior morro da região - o Sabooh, que era um desafio ao nosso preparo físico. Sempre era nós com nós mesmos, sendo desaconselhado o contato entre as divisões: maiores, médios e menores.

Não me lembro de ter havido qualquer preparação para iniciar nossa inserção no mundo a não a ser o pedido de sermos fieis à Igreja. Lembro que havia algumas recomendações quando saíamos em férias: muito cuidado com as tentações; não era liberado ir ao cinema e o absurdo de tratar as primas, chamando-as de senhoras, como recomendou um Diretor Espiritual. A formatura do Seminário Menor era com a Cerimônia da Vestição de Batina. Lembremo-nos que ainda não tinha acontecido o Concílio Vaticano II, com a renovação da vida eclesial.

Não me recorde quando e como nos encontramos, Gilmar e eu. Sei que foi uma fonte de várias outras conversas. Sempre havia reminiscências dos tempos do Ibaté, ele gostava de lembrar as músicas que cantávamos nas

festas e trocamos impressões sobre os passos que iríamos tomar. Foi uma maneira de descobrirmos juntos, o que era o mundo, fora da proteção do Seminário.

Gilmar não tinha terminado o seminário menor e completou sua formação média no colégio São Bento. Lá havia um núcleo da JEC Juventude Estudantil Católica, Participou dela e me levou para assistir uma das reuniões, num prédio vizinho da Praça da Sé. O assistente eclesial era o Padre Romeu Alberti, que fora meu Diretor Espiritual no Seminário do Ipiranga. Foi uma confraternização por que o Padre Alberti (depois bispo...de e Arcebispo de Ribeirão Preto....) tinha tirado minhas dúvidas sobre ter ou não vocação.



Alberto Pimenta Jr. e sua esposa Dona Leila

Mas o que nos aproximou mesmo foi a frequência a festas juvenis. Começou com os bailes de formatura. Teve momentos que íamos a bailes de formatura nas segundas, quartas e sábados. Para variar, nas tardes de sábado e domingos, muitas vezes íamos às matinês de clubes de bairros.

Compramos smokings para as formaturas, que era exigência dos clubes. Isso causava-nos vergonha, quando a volta era feita nos bondes. Éramos dois jovens com vestes estranhas para os passageiros, em maioria, operários com suas marmitas, em trajes de trabalho. A volta era de madrugada. Pegávamos o Bonde Camarão na Praça da Sé, se fôssemos dormir na minha casa, ou na Praça dos Correios, se íamos dormir na casa dele. O contraste era denunciador das diferenças sociais e só nos acalmávamos quando chegava o nosso ponto de descida.

Havia também o CAJ - Clube da Alegre Juventude que reunia na casa da família Pugina, nas tardes de sábados ou domingos, moças e rapazes para saraus dançantes. A Cleo, prima do Gilmar, era muito amiga das Puginas e nos convidava para essas promoções. Nelas, o Gilmar costumava ensinar as músicas do tempo de seminário e também as canções dos estudantes da Faculdade do Largo de São Francisco, lembrando a Revolução de 1932. A Leila Pugina, hoje viúva do Gilmar, era uma



Alberto Pimenta Jr., Mons. Expedito e Francisco Fierro.

paixão dele, que tempos depois, concretizou-se em casamento.

Havia também o Carnaval. Fomos brincar em Sorocaba, sendo acolhidos pelo casal, José e Beatriz Del Cistia, ela minha prima irmã. Eram sócios do Sorocaba Clube, famoso por seus bailes carnavalescos. Pulávamos até o sol raiar. O Gilmar gostou de uma menina no baile e me convenceu a voltar à cidade depois de 15 dias. A pretendida não aceitou o namoro e retornamos com o amigo frustrado.

Considero essa a fase de adaptação ao mundo. Éramos um grupo de jovens alegres e felizes, mas não éramos irresponsáveis. Ambos passamos a pensar em entrar na Universidade. Ele tinha opção pelo Direito, eu escolhi a Economia e Administração. Passamos com facilidade no

Vestibular. O Gilmar passou com nota 10, no exame oral de latim (!), herança do Seminário aperfeiçoada na Academia. Universitários, nossos contatos passaram a ser esporádicos, mas sempre calorosos e cheios de recordações.

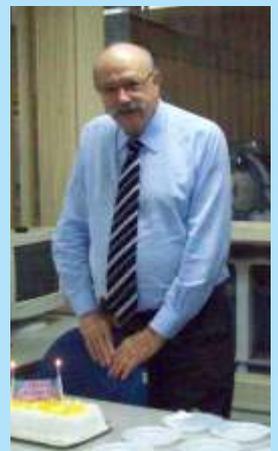
Na vida profissional, ele chegou à Diretoria da Pirelli e se transformou num especialista em Direito. Constituiu escritório de advocacia, hoje sob a responsabilidade de um dos seus filhos.

Costumava ir aos nossos encontros bienais no Seminário de São Roque. Faltou ao último, certamente porque sentia a chegada da doença que o vitimou.

Este artigo foi pensado no seu velório. Comemora a celebração da amizade que floresceu depois do Seminário. Foi a maneira de nos abrimos para o mundo, apoiando-nos mutuamente.

No velório do Alberto Pimenta Jr, desembargadores Ilustres e amigos cantaram a célebre cantiga dos estudantes do Largo de São Francisco, desde a Revolução de 1932, cuja primeira estrofe reproduzo:

**Quando se sente bater  
No peito, heroica pancada  
Deixa-se a folha dobrada  
Enquanto se vai morrer**



(\*) Walter Barelli, 79 ( 51/56) Economista Doutorado pela USP, exerceu os seguintes cargos: Diretor Técnico do DIEESE (68/90), Ministro do Trabalho e Emprego (92/64), Secretário do Emprego e Relações do Trabalho no Estado de São Paulo (1995/2002). Professor aposentado da UNICAMP. Autor dos livros "Distribuição Funcional de Renda nos Bancos Comerciais", "O Futuro do Emprego", dentre outros.

## Para-choque do Caminhão do Ubaté

Se a vida for uma  
barra, que seja  
de chocolate!



### Criamos e desenvolvemos

- identidade visual
- projeto gráfico e diagramação de revistas, livros, folders e catálogos
- materiais promocionais para feiras, eventos e pontos-de-venda
- materiais publicitários como anúncios e malas diretas

### Entre em contato!

[www.estudiomutum.com.br](http://www.estudiomutum.com.br)  
Av. Francisco Matarazzo,  
229 - cj 45 - Água Branca  
[contato@estudiomutum.com.br](mailto:contato@estudiomutum.com.br)

**11 3852 5489**

# PARÓQUIA DAS TROVAS

Ano Novo, vida nova,  
é tudo que a gente quer,  
pois quem nunca se renova  
não chega a lugar qualquer.

**Joel Hirenaldo Barbieri (51/58)**

Saudades tenho da infância,  
dos boiadeiros na estrada,  
que, ao berrante, a distância  
venciam levando a boiada.

**Antonio Jurandy Amadi (51/57)**

Meu Senhor, Deus do Universo  
um apelo, uma oração:  
Salva este mundo, já imerso,  
em auto destruição.

**Alfredo Barbieri (49/53)**

Seria a vida mais doce  
e as dores bem mais amenas,  
se toda lágrima fosse  
um pingo de orvalho apenas...

**Jaime Pina da Silveira (52/58)**  
Ex-aluno do Colégio São José  
Pouso Alegre-MG - Padres  
Pavonianos.

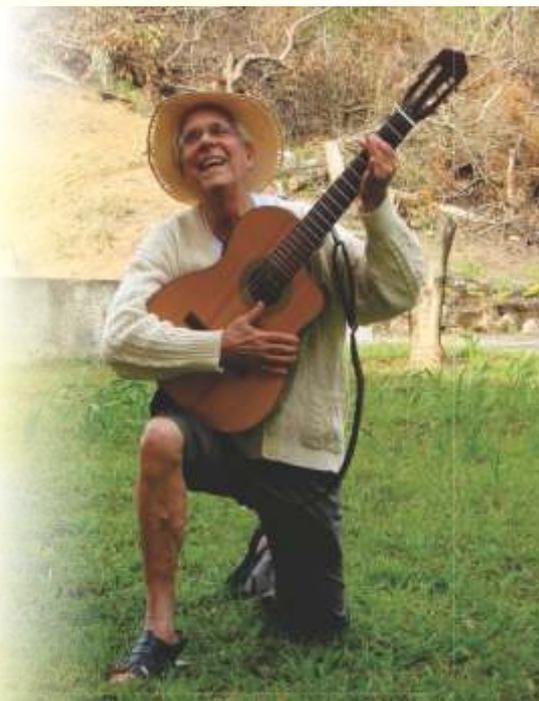
Agora é olhar para frente,  
o que passou não importa,  
só vale agora o presente,  
o que foi é letra morta.

Da viagem se eu voltar,  
é que Deus está comigo.  
Do contrário, em outro lar,  
estou com Ele, meu amigo!

A chuva que é benfeitora  
pode causar malefício  
basta que em excesso seja  
invertendo o benefício.

Um segredo - e sou sincero:  
Eis que só almoço, e não janto.  
Se tiver tudo o que quero,  
sei que a vida perde o encanto!

**Antonio Carlos Correa  
Careca (64/67)**



Envie-nos você também a sua trova

## AVISO IMPORTANTE

ENVIAR A

CORRESPONDÊNCIA PARA:

ECHUS DO IBATÉ - A/C WILSON MOSCA

RUA CAIOWAA, 1872 - APTO. 34

01258-010-SÃO PAULO-SP

**A NOSSA CAIXA POSTAL 71509 - CEP 05020-970 FOI CANCELADA.**



### VILA DON PATTO

NATUREZA, LAZER & GASTRONOMIA

Em São Roque tem Seminário/Ibaté-formação,  
Saboó, diversão, e agora,  
*Don Patto*, que está de portas abertas  
para recebê-los com um delicioso almoço  
e um dia incrível de atrações.

- Culinária Portuguesa e Italiana -

Estrada do Vinho, km 2,5 – São Roque-SP  
(11) 4711-3001

[www.viladonpatto.com.br](http://www.viladonpatto.com.br)

# Photantiqua



*Saudades do Padre Ruy Amaral Mello*

ACERVO DO PROFESSOR JOSÉ MOREIRA DE SOUZA (55-59)

## CASO EDIFICANTE



José Lui\*

### Que situação!!!!

Hoje fui ao enterro do pai de uma amiga minha e como tradição da religião deles, sempre levam uma "vidente" para falar quem é a próxima pessoa que iria morrer.

Depois de fazer sua concentração, a "vidente" informou que a próxima pessoa que iria morrer seria a primeira que saísse do cemitério.

Já estamos a 15 horas aqui. Já pediram pizzas, lanches, refrigerantes e café.

Tem uma turma jogando buraco, outra truco, tranca, dama e até dominó.

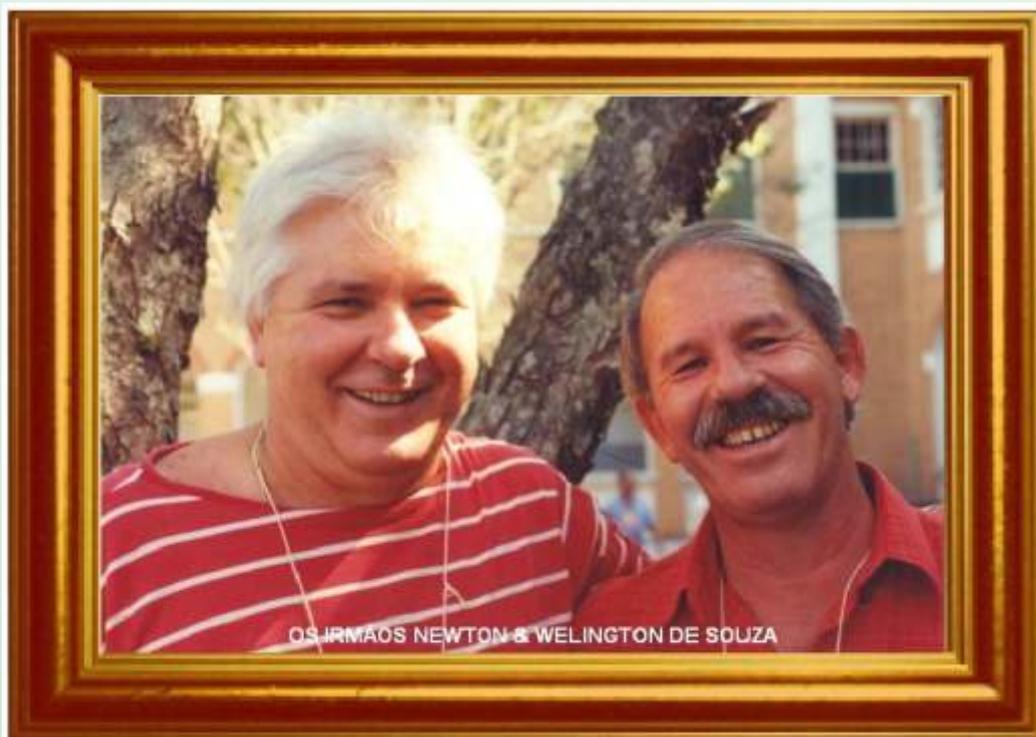
Estamos todos aqui ainda sem previsão de deixar o local.....

Nem a vidente saiu.....que dirá eu...!!!

(\*) José Lui, 79 (49/56) filósofo, teólogo, exerceu o sacerdócio no período de 1963 a 1978 [rubrolui@hotmail.com](mailto:rubrolui@hotmail.com)

# PHOTHODIERNA

**SUN KEN MI (66/69)** é um ibateano matemático que se deslocou mais de 6.000 quilômetros - e faz isso com alguma frequência, o que muito nos honra - vindo de Grand Caymann, a fim de rever os amigos no Encontro do Ibaté. **MONSENHOR GETÚLIO VIEIRA**, o Pegê, que foi aluno e também professor no Seminário de São Roque, neste ano de 2018 completa 50 anos de sua Ordenação Presbiterial (15.12.1968), **ANTÔNIO SÉRGIO PAVÃO (66/69)** veio de S.Paulo mesmo, onde é diretor do Colégio Rainha da Paz e **DJALMA AUGUSTO DE MEDEIROS (65/69)** que resolveu trocar as delícias de sua praia de Icarai por um salutar convívio de algumas horas com seus amigos no VII Encontro ocorrido em 2005.



OS IRMÃOS NEWTON & WELINGTON DE SOUZA

A alegria estampada nos olhos desses rapazes é imorredoura. **Newton & Wellington de Souza**, dois irmãos, são de São Paulo.. Entraram juntos no Seminário de São Roque em 1964. Ficaram lá apenas dois anos, mas voltaram 33 anos depois para matar as saudades, no IV Encontro, em 1999.

JG  
Pinheiro  
ADVOCACIA

**José Gomes Pinheiro**  
OAB/SP 36.636

Advocacia Cível e Criminal

Rua Tabatinguera, 140 - 12º Andar - Cj. 1215

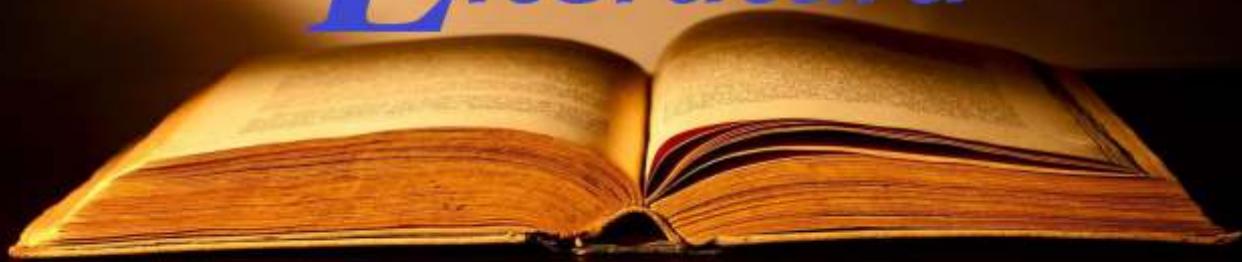
São Paulo/SP (Próximo ao Metrô Sé)

E-mail: [jgpinheiro@aasp.org.br](mailto:jgpinheiro@aasp.org.br)

Tel: (11) 3115-2733

Uma pitadinha de

# Literatura



Cláudio Giordano é ex-aluno do Ibaté. Lá esteve entre 1951 e 1957. Contava com 11 anos de idade quando foi admitido e não demorou muito para que se revelasse não um leitor comum, mas verdadeiramente um grande devorador de livros, isso mesmo, talvez o maior deles dentre todos os alunos que por lá passaram. Já fez de tudo nessa vida e para saber um pouco mais a seu respeito, veja os artigos a ele referidos nos Echus de números 05, 31, 43, 63 e 80 e tantas outros em que se discorre um pouco sobre suas várias atividades: é escritor, tradutor e editor. Fundador e diretor presidente da Oficina do Livro 'Rubens Borba de Moraes', durante seguidos anos, - associação em que se dedicou à reedição de preciosas raridades e também a manter vivas as obras de autores mundialmente pouco conhecidos - entusiasmou-se bastante com o convite que lhe fizemos para participar intensamente deste jornal através da contribuição de seus próprios escritos e para apresentar-nos outras obras de sua gigantesca coleção, importantes de serem divulgadas no meio cultural. Nossos agradecimentos em nome de toda Turma do Ibaté.



CLAUDIO GIORDANO

George Sand (1804-1876) foi uma das mais belas figuras já nascidas.

O texto que se segue é parte de longa carta que a romancista escreveu a Herbert (aliás Charles Didier, seu amante - um dos vários: Musset, Chopin...), e acha-se na obra *Lettres d'un Voyageur*. Tenho-o como uma das mais saudáveis reflexões provocadas num ser humano pela bebida dos deuses.

C.Giordano

## GEORGE SAND



George Sand. Autorretrato.  
Charge de G. Sand; bico de pena.  
**1837**



# O VINHO

Outono, 2 de setembro de 1836  
A Herbert, meu velho amigo:

Desagrada a Deus que eu fale mal do vinho! Sangue generoso da uva, irmão daquele que corre em nossas veias, quantas inspirações nobres não despertaste nos espíritos enfraquecidos! Quantos ardentes lampejos de juventude não fizeste brilhar nos corações esmorecidos! Nobre sumo da terra, inesgotável e paciente como ela, e como ela abrindo as fontes fecundas de uma seiva sempre jovem e sempre quente, tanto ao fraco como ao forte, ao sábio como ao insensato!

Mas é teu inimigo, como é inimigo da Providência, quem busca em ti um estimulante aos desregramentos impuros, uma desculpa aos delírios grosseiros! É profanador dos dons celestiais quem deseja esgotar teus benéficos recursos, abdicar e desprezar na mão do próprio Deus o tesouro de sua razão.

A origem celestial da vinha é consagrada em todas as religiões. Em todos os povos a Divindade intervém para agradecer a humanidade com tão preciosa dádiva. Segundo nossa Bíblia, o sangue do velho Noé agradou a Deus, que o salvou juntamente com a vinha, como dois rios de vida para sempre abençoados sobre a terra.

Nos primeiros dias da primavera, vi sob os berços de pâmpanos que se entrelaçam às figueiras do Adriático, senhoras vestidas quase à maneira da Grécia, que colhiam cuidadosamente em pequenos frascos o que lá chamam poeticamente as lágrimas da vinha. O orvalho cristalino brotava gota a gota dos nós dos ramos e escorria durante a noite para os frascos destinados a recebê-lo. Eu amava o cuidado religioso com o qual aquelas mulheres iam apanhar o precioso colírio aos primeiros albos da manhã; eu amava o perfume delicado das parreiras floridas, a brisa do Arquipélago soprando sobre as praias da Itália, o sinal da cruz que acompanhava cada nova seção de ramo sagrado. Era uma espécie de cerimônia pagã conservada e rejuvenescida pelo cristianismo. O culto do jovem Baco parecia misturado ao do Menino Jesus, e fico incerta se acaso o antigo Ohé, Evohé! não vinha morrer nos lábios daquelas anciãs junto com o amém católico.

O culto das divindades campestres pareceu-me sempre a mais encantadora e a mais poética expressão do reconhecimento do ser humano face à criação. Não aceito falsos deuses - tenho-os todos como idéias verdadeiras, salutares e grandes. E quanto à infalibilidade das religiões, sei que a mais excelente de todas pode e deve estar maculada, como tudo o que cai do alto e fica sob o domínio do ser humano. Acredito, porém, na sabedoria das nações, em sua grandeza, em sua força, nas influências das regiões que elas habitam; por isso, em relação à crença e ao culto, tenho fé na preeminência de certas idéias. A verdade eterna, jamais revelada à humanidade, tem-se mostrado algo menos vaga aos que a buscam através de uma atmosfera mais pura e de céus mais esplêndidos. A nossa é a mais bela porque é a mais simples. Ela se harmoniza bem com a natureza austera que a concebeu, com as grandes cenas pitorescas e o clima ardente que revelaram à humanidade a unidade de Deus. A do politeísmo é inebriante como o doce país que a gerou; mas nela vejo todas as condições de excesso e de inconstância que caracterizam para o ser humano uma situação demasiado venturosa.



Gosto da fábula de Baco, embrião acolhido na coxa do deus, sobrevivendo como Noé a um cataclismo; como ele, salvo por milagrosa proteção e, como ele, trazendo à humanidade os benefícios de uma nova árvore da vida. Mas, sobre as fertilíssimas colinas da Grécia, vejo a vinha crescer e multiplicar-se com uma abundância de que logo a humanidade abusa, e da cuba onde Evohé oferece a seu pai libações puras, sai o bando incontido de hediondos sátiros e obscenas bacantes. As pessoas procuram então prazeres desenfreados num precioso remédio enviado para suas fraquezas e seus aborrecimentos. A libertinagem insensata polui as escadarias dos templos; o bode corrompe o holocausto oferecido às divindades campestres, associa ideias de maus odores e de brutalidade ao culto do prazer. Os cantos festivos transformaram-se em urros; as danças, em lutas sangrentas onde perece o divino Orfeu; o deus do vinho torna-se o deus da intemperança, e o sombrio cristianismo é obrigado a vir, com suas macerações e jejuns, abrir um caminho novo para a humanidade ébria e vacilante, a fim de salvá-la de seus próprios excessos.

Se procuro a história do cultivador pós-diluviano na versão mais simples e mais inocente do velho Noé, vejo sua descendência valer-se mais sobriamente e mais religiosamente do fruto divino. Primeira vítima de sua imprudência, Noé aprende por conta própria que o sangue da uva é mais quente e mais vigoroso que o seu próprio; toma vencido, e seus piedosos filhos aprendem a abster-se, no mesmo dia em que conhecem um novo prazer. Sobre as vertentes ardentes da Judeia, a vinha multiplica discretamente suas riquezas, e o ser humano, guardando uma espécie de respeito pelos divinos efeitos da preciosa planta, escreve esta tocante lei em seu livro da Sabedoria:

Deixai o vinho aos que estão sobrecarregados pelo trabalho, e a cerveja aos que estão de coração amargurado; os príncipes não beberão vinho nem cerveja, eles os deixarão aos que sofrem e aos que trabalham de coração amargurado.

Honra às antigas eras! Amor aos pastores de outrora! Lamento à juventude do mundo! Tempos agradáveis ao Senhor, quando o ser humano buscava a ciência sem que pudesse saber do desastroso uso que dela se faria; quando a sabedoria não era uma palavra vã, correspondendo na linguagem dos patriarcas às verdadeiras e nobres necessidades da humanidade! Vós pareceis grandes e quase incríveis se comparados com as sociedades modernas. Deus, grande Deus! Tu, que falavas do alto da montanha para dizer à humanidade: "Faz isto"- e que vias tua lei cumprida; tu, cuja palavra descia aos tabernáculos de Israel, instruí a e dirigia teus legisladores prosternados, o que sentes por nós doravante em teu seio paternal, vendo a terra submissa às vontades ímpias e às exigências insensatas de um punhado de homens perversos; a palavra sagrada de lei convertida na de interesse pessoal, o trabalho substituído pela cupidez, as cerimônias augustas e santas por costumes inócuos ou mistérios incompreensíveis; teus levitas por pontífices inimigos do povo; o temor de tua cólera ou de teu desagrado pelas hordas de soldados mercenários, único freio que os príncipes sabem empregar e que os povos querem reconhecer?

O que pensar de um século em que a educação moral é inteiramente abandonada ao acaso, em que a juventude não aprende nem a reger suas exigências intelectuais nem a controlar seus apetites físicos, em que se lhe apresentam os livros de diferentes religiões e instruem-na sorrindo e lhe recomendam não acreditar em nenhuma; em que, como única regra, aconselham-na a não se indispor com a polícia nas primeiras farras a que se entregar e não proclamar muito alto a teoria dos vícios em cuja prática a abandonam? O que lhes ensinam sobre o amor, sobre esta que a primeira paixão a se manifestar e que no coração do adolescente é suscetível a tão nobre sentimento? Nada, a não ser que é preciso fazer pelas mulheres o mínimo possível de tolices, brincar do modo mais educado com as coquettes, conter os

ímpetos, consola-se com as prostitutas dos fracassos inflingidos pela astúcia; em todas as ocasiões sacrificar ao interesse pessoal, ao prazer ou ao acaso, o mais belo sentimento que possa germinar nas almas novas!

O que lhe ensinam sobre a ambição, esta sede de glória e de ação que depressa sufoca as veleidades do afeto exclusivo, e que muitas vezes sequer deixa nascer? Dizem-lhe acaso que é preciso controlar este ardor generoso, pôr a serviço da humanidade os talentos adquiridos e as forças empregadas? Nos anos da infância ela leu algo parecido nos escritos dos filósofos antigos, e ensinam-lhe a julgá-los sob a ótica literária; depois a



sociedade abre-lhe os braços ávidos e o seio glacial. Dá-me tuas luzes, diz-lhe ela; dá-me os frutos de teus suores e de tuas vigílias, e eu te darei em troca riquezas para satisfazer teus vícios; pois tens vícios, bem o sei, eu os amo, protejo-os, cubro-os com meu manto, abrigo-os misteriosamente com minha complacência.

Serve-me, enriquece-me, dá-me teus talentos e teu trabalho, age de modo que eles sirvam para aumentar meus prazeres, para manter meu reino, para ratificar minhas torpezas: eu te abrirei os santuários da iniquidade que reservo aos meus eleitos!

Assim, longe de desenvolver e de conduzir as duas fontes de grandeza existentes na juventude - a glória e a voluptuosidade; longe de estimular o que essas fontes transmitem de divino ao ardor e à alegria da vida, a atual sociedade serve-se delas para embrutecer o ser humano e para prendê-lo a um materialismo mortalmente grosseiro. Ela se compraz em desenvolver os instintos animais; ela cria e protege antros de corrupção, meios de todo tipo para entreter ou satisfazer as mais ignóbeis necessidades e até as mais imundas fantasias. Como, pois, os prazeres naturais, não estando mais sujeitos a nenhum freio moral, a nenhum preceito legal, deixarão de degenerar em excessos? Como o amor da glória não se converterá em sede de dinheiro? Como o amor e o vinho não levarão à libertinagem?

Toda essa reflexão em decorrência de uma orgia de ricos de que acabo de ser testemunha numa estalagem!

Viajei bastante na vida; repousei com muita frequência em tabernas de aldeias; dormi em inúmeras estalagens imundas, entre bancos quebrados e restos de cântaros avermelhados por um vinho acre e ordinário; escapei de ter a cabeça partida por carroceiros que lutavam a minha volta; ouvi as alusões obscenas e as canções indecentes de aldeões endomingados. Vi soldados embriagados, marinheiros enfurecidos; vi mendigos esfomeados comprar conhaque com o único níquel que lhes restava. Vi mulheres jovens e belas rolarem descabeladas na lama, e educados companheiros de carruagem trocarem piadas de mau gosto com empregadas de albergue. Que não viu e ouviu tudo isso, ainda que tenha poucas vezes viajado com pouco dinheiro?

Bem, não sou de natureza intolerante, e embora muitas vezes aborrecida, cansada e contrariada em semelhantes situações, suportei-as sempre com calma filosófica. Com que direito desprezaria a rudeza e o mau gosto de pessoa carente de educação? Baseada em que recriminaria eu ao indigente por abdicar do orgulho da inteligência humana, quando eu e meus pares na escala social lhe negamos o exercício dessa inteligência e nós mesmos rejeitamos utilizá-la? Por que, ó tu que reduzimos ao

estado de besta de carga, não procurarias tornar tua sorte menos odiosa destruindo tua memória e tua razão, bebendo, como diz Obermann em sua sublime piedade, o esquecimento de tuas dores?

Ah, teu sofrimento de todos os dias não nos parece suportável; nossos ouvidos não se machucam com tuas queixas; nossos olhos veem sem tristeza teus suores permanentes, e intermináveis; nosso coração é insensível a tua miséria; e os poucos momentos de tua alegria nos revoltam! Já basta, ó infeliz, que teu sofrimento seja ignorado! Pelo menos que teu prazer transcorra em liberdade! Deixai a orgia correr em andrajos, deixai-a urra r às portas das ricas mansões; ela não as abrirá nunca. Deixai-a dormir sobre as escadas dos palácios onde ela pelo menos vai sonhar com as delícias durante uma noite... Mas não! Existem regras policiais para o povo. Os lupanares da gente bem ficam abertos a qualquer hora, os cabarés do pobre fecham-se à noite e a ronda prende aqueles que não têm lacaios nem carros para levá-los para casa!

Escutai o que dizem os ricos para autorizar estas injustiças: "A diversão das pessoas de bem não é barulhenta nem incômoda; a do povo é pior do que isso, é perigosa. O povo não possui o freio da educação". E nessa linha os grandes deste século vos criam nobilíssimas teorias sobre as devidas diferenças, sobre as superioridades incontestáveis. Eles reconhecem que hoje o nascimento é falso pressuposto, que o dinheiro não concede mérito a ninguém. Declaram que somente a educação estabelece legítima e santa hierarquia. "Tornai o povo parecido conosco - dizem eles - e nós o admitiremos na igualdade social".

Tais pessoas esquecem apenas de uma coisa: não tendo o povo podido ainda tornar-se igual a eles, enquanto esperam, eles é que se fazem semelhantes ao povo no tocante aos vícios e à grosseria.

Se não me falha a memória, só vi orgia de ricos no palco, nos teatros da Odeon e da Porte-Saint-Martin. Confesso que aquilo me pareceu assaz frio e aborrecido. Ademais, a cena se desenrolava de forma muito conveniente: dois ou três personagens conversando, ocupadíssimos em seus negócios, consultavam-se em apartes sobre coisas nada afins com orgia, enquanto ao longo da mesa uma dúzia de comparsas, muito bem vestidos, erguendo como se deve taças douradas, tilintavam umas nas outras num ruído surdo e.....em tom melancólico, entornavam tristemente uma canção báquica.

Espantei-me pouco, portanto, com um jantar de gente jovem servido na outra ponta do albergue. A casa estava cheia devido à feira. Nenhum cômodo onde se pudesse comer, nenhuma sala comum que não estivesse tomada de caixeiros-viajantes...

Peço perdão a um amigo de infância que me vende excelente vinho, e por quem eu venderia, se fosse preciso, meu último par de sapatos; peço perdão a vários caixeiros-viajantes que me escreveram injúrias devido a não sei qual gracejo publicado por mim não sei onde. - Peço perdão por isso, e juro-o seriamente, à memória de um só cujo nome permanece sepultado em corações desolados. - Mas enfim, confesso-o diante do céu e da terra, não consigo suportar caixeiros-viajantes... ou pelo menos não pude suportá-los até esse dia que talvez me reconcilie para sempre com eles.

O fato é que, temendo as conversas literárias, aceitei o convite de uma infernal hotelaria, muito mais venenosa e maldosa do que jamais foi narrado por Gil Blas a respeito de alberguistas de todas as Espanhas. Deixei preparar num canto do jardim, atrás de uma fila de árvores, uma modesta mesa para meus filhos, sua ama e para mim. Eu tinha o aspecto de um cura de aldeia escoltado por sua governanta e sobrinhos.

Do outro lado do jardim havia grande mesa e convivas de bom humor. É gente bem, dissera-me a hoteleira, a flor da sociedade da região; é o senhor conde, o senhor marquês, e o senhor... Graças a Deus, não me lembro dos nomes e menos ainda dos sobrenomes; mas minha senhora Leonarde tinha a boca cheia deles, e eu esperava ver uma orgia tão sistemática como as do Odeon e da Porte-Saint-Martin. A despeito da nobreza, frequentei-a pouquíssimo em minha vida. Sei que ela usa luvas, traz sempre o queixo bem barbeado ou a barba bem perfumada; sei que ela agrada aos olhos: jamais teria suposto que ela pudesse ser tão

desagradável de ouvir-se. Quem sabe esperas que te conte a orgia... Por Deus, estás completamente enganado! Primeiramente porque não assisti a não ser à parte musical, à introdução por assim dizer; depois eu estava impedida pelas árvores e, graças a Deus, não enxergava absolutamente nada. Por fim meu jantar e o de minha família terminou em dez minutos, e eu me retirei mais satisfeita que ao sair do Odeon ou da Porte-Saint-Martin, porque lá pelo menos eu não pagaria nada ao entrar. Agora me sinto quase reconciliada com a atitude de Lucrecia Borgia, vendo quanto os senhores bêbados podem tornar-se insuportáveis ao expectador.



George Sand - Retrato de Eugène Delacroix, 1838

Subi na diligência imediatamente após a representação; ouvi o garoto da estrebaria dirigir ao condutor da diligência esta reflexão filosófica, ao escutar o refrão de uma canção por detrás do muro: "Se fôssemos nós, diriam: Eis a ralé que se excita! Mas como são eles, dizem: Eis a boa sociedade divertindo-se!". A resposta filosófica do outro proletário foi também não enérgica quanto o permitiam as circunstâncias; não fosse o tolo costume que não permite mais, como no tempo de Dante e de Montaigne, escrever certas palavras do idioma, eu te repetiria, pois a obscenidade do povo tem quase sempre a marca do gênio: é um apelo selvagem e terrível à justiça de Deus. A das pessoas nobres não passa de estúpidas blasfêmias; nada a motiva, e por isso nada a desculpa... Ó vós que tenho ignorado, e aos quais me inclino neste momento! Ó caixeiros-viajantes! Repito que sois por demais tediosos, e que a espíritosidade transborda de maneira desesperadora de vós. Juro, porém, por Baco e por Noé, juro por todos os vinhos bons e ruins que vendeis, que tendes muito mais amenidade, polidez e saber do que os jovens ricos da província. Atesto e assinaria com meu sangue, que vos comportais cem vezes melhor nos albergues, que vossos modos são excelentes comparados com os deles, e que é mil vezes preferível estar em vossa companhia e suportar vossas histórias à mesa de estalagem do que se ver a apenas dez metros da mesa de gente bem. - Que se estabeleça a paz entre nós, e não mais me escrevais injúrias ou pelo menos selai vossas cartas, por favor.

E tu, velho amigo dos poetas! sangue generoso da uva! Tu que o ingênuo Homero e o sombrio Byron cantaram em seus mais belos versos; tu que estimulaste longamente o gênio no corpo débil do adoenta do Hoffmann! Tu que prolongaste a velhice de Goethe e que muitas vezes deste força sobre-humana à inspiração esgotada dos grandes artistas! -perdoa se falei dos perigos de teu amor!

Planta sagrada cresces ao pé do Himeto e transmites teus ardores divinos ao poeta cansado quando, depois de ter ficado largado na planície, e querendo escalar os picos augustos, ele não encontra mais seu antigo vigor. Corres então em suas veias e lhe dás mágica juventude; repões sobre suas pálpebras ardentes um sono puro e fazes descer o Olimpo todo ao seu encontro em sonhos celestiais. Que os tolos te desprezem, que os faquires do bom gosto te proscrivam, que as mulheres dos ricos desviem os olhos horrorizadas ao te verem umedecer os lábios da divina Malibran [famosa cantora lírica, 1808-1836].

Elas têm razão de proibir seus amantes de beber a sua frente; a imaginação desses homens é demasiado enlameada, suas lembranças são carregadas de sujeiras sendo preciso acautelar-se de pôr a nu o fundo de seus pensamentos. Mas vem, ó fonte de vida, fluir aos borbotões no copo de meus amigos! Discípulos do divino Platão, adoradores do belo, eles detestam tanto a visão quanto o pensamento do que é ignóbil, desejam que tudo seja puro em sua alegria; que a mulher casta não deixe de sê-lo à mesa; que o adolescente não suje e seus lábios com um sorriso cínico; que o artista possa expor toda a sua ambição e que esta não faça ninguém sorrir. Enfim eles querem, eles podem, eles ousam entregar todo o tesouro de sua alma sem nada ter a retornar uns dos outros, quando o dia pleno de azul nos surpreende à mesa da mansarda, e desliza, tenro e tímido, um reflexo de azul sobre o dourado avermelhado das chamas expirantes dos castiçais; ou então, quando no campo, sentados ao ar livre, rodeados de garrafas e de frutas, a madrugada nos encontra no jardim, diante da lua cheia, e nos vê sorrir de sua face pálida que se assemelha a uma mulher medrosa ou distraída, tentando mas por de mais tarde, retirar-se decentemente para seu canto antes do sol brilhar.

Ó belas noites do verão ardente que acaba de passar e que talvez não nos será mais entregue antes de muitos anos! Auroras sem orvalho, serões da Itália! Doce descanso sobre a relva! Cantos da toutinegra tão melodiosos e tão apaixonados ao nascer de Vênus! Estrelas tão belas à hora do embate entre o dia e a noite! Perfumes do crepúsculo! Êxtase e silêncios seguidos de doces palavras e de alegres sorrisos! Vinde ainda encantar nossos dias sem ambição e nossas noites sem rancores, e que o vinho madeira regenerados, que o champanhe brincalhão venham de hora em hora combater o sono e desanuiar o cérebro quando meus amigos estão reunidos e eu com eles!

A assinatura manuscrita de George Sand, escrita em uma caligrafia fluida e elegante, com o nome 'George Sand' claramente legível.

O Vinho, George Sand.

Texto extraído da obra *Lettres d'un Voyageur* e traduzido por C. Giordano.

Produção editorial de Giordanus.

São Paulo, outono de 2016

## AMIGO DO IBATÉ

Examine bem suas gavetas: quem sabe nelas você ainda encontre aquelas tão saudosas poesias, aqueles ensaios e contos, tantos sonetos e trovas e as tão queridas memórias ou crônicas, que você sempre pensou em publicar um dia.

Não hesite em enviá-las agora para o nosso Informativo.

O ECHUS DO IBATÉ nasceu exatamente para isso: para divulgar toda a sua criatividade e arte.

Colabore!!! Participe!!!

# BODAS DE OURO sacerdotais e DIALÉTICA de uma vida!



Almir Simões\*

22/12/1967 a 22/12/2017

## UM REPTO AO CELIBATO OBRIGATÓRIO!

*Foi um acontecimento impar e marcante na minha vida e também na cidade de Ibicaraí - Bahia. Cinquenta anos se passaram! Esta data não poderia ficar em branco. O catecismo católico ensina que o sacramento da Ordem imprime caráter indelével e o canto de entrada na igreja foi o Salmo 109 do rei Davi: "Tu es sacerdos in aeternum".*

Emocionante o ritual litúrgico e a festa preparada pelo saudoso Pe. Sinval Medeiros no templo ainda sendo reformado. A ordenação sacerdotal representou para mim a culminância de 14 anos de estudos propedêuticos, filosóficos e teológicos na busca de um sonho que se chama vocação.

**E eu tive uma graça especial : estudar no período do Concílio Vaticano II e do Santo João XXIII. Isto é inesquecível e fez a diferença. Sou grato a Deus pelas oportunidades e bênçãos recebidas, pelos princípios e valores internalizados, por todos os passos dados, por todas as pessoas que foram colocadas no meu caminho ... Valeu a pena !**

A prostração diante do altar não significou que o jovem sacerdote morreu para o mundo nem para si mesmo, mas quanto mais terra à terra, quanto mais identificado às causas humanas, ele se consagra a Deus. O amor a Deus não exclui o amor humano ... O bio-psico-social-cósmico-espiritual, numa pessoa humana, são indissociáveis e importantes para a completude do ser,

- o equilíbrio emocional,
- a vivência da oração,
- a paz do espírito.

Após os primeiros anos de atividades pastorais senti que

- não poderia ser uma pessoa diferente para exercer a minha missão
- nem transformar o meu sacerdócio num sentimento de culpa ou uma autopunição.

O meu ardor e zelo à causa do Evangelho, a força motivadora que recebia da comunidade, as orações e

sacrifícios, não arrefeceram a solidão afetiva. Comecei a me autoquestionar. A vocação ao sacerdócio não é um chamamento para se viver sufocado dentro de uma instituição.

O celibato é um carisma -um dom divino extraordinário-que equivocadamente a igreja o transformou numa norma disciplinar obrigatória. E, assim, afugentou muitas vocações ao sacerdócio. Jesus asseverou : " *O meu jugo é suave e o meu fardo leve - Mt 11:28* " e Liev Tolstoi, escreve com muita propriedade no seu livro - **O Reino de Deus está em Vós**- que a instituição eclesiástica com o seu moralismo, desfigurou o cristianismo primitivo e original.

- Nas primeiras comunidades cristãs,
- sem direito canônico e sem dogmas,
- vivia-se a autenticidade e a pureza do Evangelho...

**O sacramento da Ordem e o sacramento do matrimônio não são incompatíveis entre si.**

Pedro era casado e Paulo admoesta: "*É melhor se casar do que se abrasar*"... Deus chama ... a hierarquia da igreja infelizmente afugenta ... e os fieis não cessam de cantar e rezar : "*Enviei Senhor operários para a vossa messe pois a messe é grande e poucos os operários*". Não seria esta oração uma blasfêmia, um insulto à divindade ?

São as contradições internas, humanas e institucionais, os penduricalhos herdados de Constantino à partir do séc. III, que ainda resistem e são responsáveis pelo grande êxodo das vocações sacerdotais.

- No Brasil, calcula-se que 8 mil padres deixaram o ministério
- e em toda a igreja, no mundo, 150 mil...

Será que todos eles não tiveram vocação ? Discute-se hoje a formação dos padres para o momento atual mas não pode se esquecer do seu estilo de vida. **As normas ainda em vigor**



**Ordenação Presbiteral**

são dos Concílios de Niceia ( 325 ) e de Trento ( 1542 ).

Em 1969 D. Frei Caetano, saudosa memória, o bispo de Ilhéus que me ordenou , sensível às necessidades dos seus sacerdotes, pediu-me que fosse a Belmonte visitar o padre João Clímaco para se inteirar da sua situação de saúde e das necessidades pastorais. Imaginei que se tratasse apenas de uma prestação de serviço, no mínimo, uma caridade cristã, mas Deus vai redirecionando a nossa vida e falando através de fatos e acontecimentos. Lá fui eu.

Encontrei-me com um padre velho, morando sozinho, à frente daquela comunidade paroquial N. Sa. do Carmo, há quase 40 anos. Sentia muitas dores e com dificuldade vestia a batina por conta de uma erisipela terrível. Rezava todas as orações da missa em latim pois já sabia decoradas. Não aceitou que eu celebrasse a missa em seu lugar pois incorporava o sacrifício da sua vida à oferenda da ceia eucarística. Ficar sem celebrar só se estivesse acamado.

Apesar da idade avançada e da doença o Pe. João Clímaco era um carioca bem humorado, lúcido, acolhedor , que gostava de contar causos e umas piadinhas inteligentes. Cativou-me e criamos afinidades. Com ele abri o meu coração. Ele desabafou as suas mágoas e eu simplesmente ouvi o inusitado, o insight que estava necessitando :

*"Meu filho, você é jovem e pode ainda redesenhar a sua vida ... ajudei a criar e formar dois meninos pobres que, se fossem realmente meus filhos, eu não estaria nesta situação ..."*

Isto me doeu na alma. Vi naquela figura sofrida e sensata, como se estivesse diante de um espelho, o meu alter-ego. A viagem de volta para a minha comunidade paroquial em Itabuna dirigindo, solitário , um fusquinha, pareceu-me longa demais alternavam cenários na minha mente e da compaixão brotou-me uma luz.

A felicidade e a santidade, vocação última de todas as pessoas, exigem que haja sinceridade e humildade para aceitar as próprias limitações e fragilidades e também coragem para tomar decisões. Podemos aprender com a experiência e a sabedoria dos mais velhos. Em 1971 dialoguei com meu novo bispo D. Valfredo Tepe ... e prevaleceu a minha vontade.

(\*) Almir Simões, estudou no Seminário Menor de Ilhéus-BA, de 1954 a 1959, fez Filosofia nos Seminários São José (Rio de Janeiro) e Central da Bahia (Salvador) de 1960 a 1963 e Teologia no Seminário Central do Ipiranga de 1964 a 1967. Funcionário Público e Professor universitário aposentado, mora em Salvador-BA. É casado com Italva e tem três filhas, um filho e vários netos. Membro muito ativo do Movimento das Famílias dos Padres casados-MFPC- a nível local e nacional. [almir.simoess5@gmail.com](mailto:almir.simoess5@gmail.com)

Expus ao Vaticano - Congregação da Doutrina da Fé - argumentos para iniciar um processo de laicização. Confortou-me o que aprendi com o mons. Roxo nas aulas de Teologia na Faculdade em São Paulo : *"A graça divina supõe a natureza, não a sobrepõe, nem a violenta, nem a destroi"*. É como se fosse os raios do sol perpassando por entre as nuvens carregadas da minha vida. **Tudo se resolveria no âmbito da minha consciência, sacrário vivo onde só Deus penetra ( Gaudium et Spes, 16 )**. Em 1974 o papa Paulo VI concedeu-me a licença pra contrair matrimônio.

- Muda-se o estilo de vida,
- supera-se a solidão afetiva,
- mas não se perde a essência de si mesmo nem a unção sacramental.



Casamento

Vivo hoje o sacerdócio numa dimensão familiar, a igreja doméstica, com esposa, filhas e netos, motivo especial de dignidade e ação de graças. É interessante observar nas fotos da ordenação que

- o celebrante ungiu e amarrou as minhas mãos
- mas em seguida a minha mãe desamarrou-as.

Elas continuarão para sempre unguidas e libertas. A vocação é dinâmica e libertadora. Santo Agostinho a define de forma extraordinária : *"Ama e faz o que quiseres"*... O papa Francisco tem dado sinais de compreensão e abertura aos desafios pastorais e eclesiais mantendo uma postura anti-discriminatória. Em meio às muitas resistências que sofre , continua rompendo algumas tradições. Surpreendeu visitando na periferia de Roma uma família de padre casado e lavando os pés de dois jovens muçulmanos em cerimônia de uma semana santa.

Na *Amoris Letitia* (p 125 / n 204)

- afirma que *"a paróquia é a família das famílias"*,
- ressalta que *"os ministros ordenados carecem de formação adequada para tratar dos complexos problemas atuais das famílias"*,
- e completa dizendo que *"pode ser útil também a experiência da longa tradição oriental dos padres casados"*.



Almir, Esposa e filhos

Convém salientar que o nosso querido papa Francisco tem sobre seus ombros uma estrutura pesada de mais de 16 séculos. Muito bem disse Frei Beto : *"Ele é uma cabeça aberta num corpo fechado"*.

# EXORCISMO HAVAIANO



Joaquim Benedicto de Oliveira (Quinzinho)\*

Em férias saltenses, no fim dos anos cinquenta, em casa do meu primo João, a contemplação da instituição familiar causava-me emoções variadas e contraditórias. Uma, em especial, me incomodava tremendamente: o João sentado na cozinha, bem à vontade, de pernas cruzadas e conversando comigo. Sua postura tranquila, sua voz pausada e suave e seu riso largo representavam para mim o retrato mais autêntico da felicidade humana. Mas, havia um detalhe que me incomodava: de pernas cruzadas, aquele seu pé dançando ao lado do pé da mesa me fascinava, e, ao mesmo tempo, me fazia sentir uma espécie de escrúpulo e de culpa. Mas o que é isto, meu Deus? pensava eu procurando me entender com minha consciência.

Ora bolas! Um pé saltitante ao léu, com dedos desnudos saltitando presos a uma sandália havaiana, em que poderia me perturbar? Parece que eu depositava naquele pé toda a simbologia de sua felicidade: tinha uma casa, tinha uma linda mulher, tinha vibrantes filhos pequenos que alegravam sua existência. Mas, caramba, por que o pé havaianado do João tinha toda essa importância para mim? Seu pé sem meia mostrava sua alma desnuda. Ele e ela eram puros e transparentes. Eu, ao contrário, não podia desnudar nenhuma parte de meu corpo que, fatalmente, desnudaria também minha alma perturbada pela falta e pela proibição de um ambiente como aquele e que fosse só meu.

Tratava-se de mais um aviso em relação aos meus desejos mais íntimos. E o mal-estar que essa visão acarretava devia-se à impossibilidade de poder, ao menos, conciliar uma perene inclinação à formação de uma família e o destino clerical que me impunha a desistência a essa inclinação. Dilema que não fui capaz de resolver. E adiei essa equação, procurando, contudo, sua incógnita solução até bem mais tarde, quando me perdi definitivamente no escuro do caminho que enfrentei.

Como Salto era o chão que pisei pela primeira vez na vida, essa preocupação com o pé, pousado no ar feito um beija-flor, de novo me atacou a vista e através dela minha alma. Agora na casa de minha tia, a mãe do João e das minhas primas solteiras. Tinham elas uma amiga que acabou representando todo o perigo à vocação insistentemente avisada,

esmiuçada e abominada pelo padre espiritual, em suas exortações antes das férias.

E não é que, quando percebi, estava na sala, sentado não muito distante da mesa ao redor da qual La Conti exibia-me desnudadamente seu pé da perna cruzada, balançando no ar, próximo ao pé da mesa? Céus?! De novo!?

Só que agora era um pé feminino! O escrúpulo ganhou uma dimensão próxima do pânico. Olho? Não olho? Olho e faço que não vejo.

Sinto-me outra vez sobre a ponte pênsil no Tietê e lá em baixo o abismo das águas e dos sons tempestuosos querendo me engolir. A bocarra da tentação feita um dragão sinistro prestes a me devorar. Vejo-me, então, mergulhando no vão livre e abissal entre a comédia e a tragédia. Achava criminoso rir da situação e, com isso, tornava-a mais séria, aumentando a culpa e me borrando todo pela proximidade do fascínio.

Se conseguisse, ao menos, sublimar essa situação, talvez pudesse poetar o pé da ninfa ao alcance de meus olhos. Mas disso não fui capaz e esborachei-me no abismo ao tentar fugir, porém sem sair do lugar, da beleza e singeleza daquela havaiana emboscada.

Meu Deus, como é possível afogar-me tão cretinamente nesse pequeno copo de água do desejo? Amaldiçoar a tentadora La Conti? Esse era o caminho sugerido pelas exortações catequéticas digeridas certamente como exercício de exotismo clerical!

Em realidade, estava eu outra vez diante de um símbolo: aquele pé da La Conti ganhou míticas asas e voou escandalosamente em minha imaginação. Deu voltas e fez acrobáticas piruetas e insistentes rasantes no meu céu adolescente.

Acertou minha alma, tirou minha calma, machucou minha reta intenção, deixando culpas e marcas e indeléveis tatuagens escondidas em partes não visíveis de meu corpo e alma, imersos na dor.

Aconteceu, assim, a possante mistura do poder de um pé pelado, mas pendente de picante pelúcia e o pedido de proteção de um perdido e podendo Pé-de-Chinelo supostamente vocacionado, mas penumbroso, pirado e periclitante na vocação. Precisava tudo isso?

(\*) Joaquim Benedicto de Oliveira-Quinzinho, 80 (50/56) é Doutor em Literatura Brasileira, professor aposentado da PUCSP [joka.oliveira@uol.com.br](mailto:joka.oliveira@uol.com.br)

# CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA

**De João Francisco de Brito Ramalho (60/62)** - Prezado Wilson Mosca, que maravilha, o ECHUS DO IBATÉ chegou! Agradeço também o abraço gigante que com grande alegria me atingiu, agora, por ter completado, neste ano, 70 anos de idade. Gostei de ver abaixo, na página dos aniversariantes, a celebração com a foto do imortal CORAZZA. Participo também que estou aposentadíssimo dos meus cargos de Professor da Rede Estadual da Bahia, na qual lecionei ininterruptamente por 50 anos. Salvador-BA 05.12.2017 jramalho47@gmail.com

**Lázaro Dirceu Mendes Aguirre (63/69)** - Olá, Mosca, um grande abraço a todos os ibateanos. Não sou de escrever com frequência, mas tenho todos os ibateanos presentes em minha vida e minhas orações. Os tempos do Ibaté plantaram raízes profundas, por vezes essas raízes lançam brotos, flores e frutos em terrenos inimagináveis. Obrigado, caro amigo. Santa Terezinha-MT 14.12.2017 aguirredirceu@gmail.com

**Asdrubal Angelo Bariffaldi (49/53)** - Prezado Wilson e querida Família Ibateana:- Que os sonhos dos jovens conquistados com galhardia e o lucro dos velhos absorvido com insumos de felicidade sejam compensados com infinita saudade, paz, saúde, dinheiro e amor. Os votos de Asdrúbal e Família. Ourinhos-SP 15.12.2017 asdrubal1932@gmail.com

**De Ricardo Martins de Paiva (57/59)** - Amigo Wilson, obrigado pelos cumprimentos em nome dos amigos do Ibaté. Foram, e ainda são, parte da minha vida. Aproveito a ocasião para agradecer por sua incansável dedicação em manter unidos espírito, pessoas e tradições que marcaram nossa vida no Ibaté. FALLS CHURCH, VA - USA - 22.12.2017 paivar@aol.com

**De José Francisco Godinho (55/59)** - Obrigado, Mosca, por lembrar-se desta data "memorável", segundo você. Deus o abençoe nesta missão de congregar tantos velhinhos numa só família, IBATEANA. Abraços! Passos\_MG 31.12.2017 godinhocicho@hotmail.com

**De Leonidas Moreira Neto (52)** - Caro amigo Wilson Mosca, alegre-me sua lembrança e dos amigos do Ibaté, embora poucos tenham me conhecido. Pertencço às vocações tardias. Entrei no seminário em São Roque no último ano, quando meu grande feito foi ser sineiro, e de lá fui direto para o Ipiranga. Minha turma foi a do Coraza, Pe. Laerte, Almir Pessoa Cesar, Pe. Zequinha, Furlanetto etc., os chamados "velhos". O que serei hoje completando 86 anos de vida?.. Abraço, São Paulo-SP, 03.01.2018 lmoreiraneto@terra.com.br

## PHRASALIA ÆTERNA

Coleção de frases, de orações ou gestos fixados na memória, participados em grupo ou em experiências pessoais, mesmo em livros ou manuais, célebres e memoráveis, mencionadas ou cometidas por diretores, ministros, clérigos em geral, professores, e também por ex-alunos dos seminários de S.Roque, Pirapora, Ipiranga, Aparecida e outros.

♦ "Na vida do padre há três grandes fases perigosas: quando jovem, o perigo é o sexo. Na meia idade, o perigo é o dinheiro. Na maturidade, o perigo é o poder".

Foi o que alertou certo professor de Direito Canônico no Seminário Central do Ipiranga ao amigo ibateano **Pe. Tomas Gomide (57/60)** - Echus nº 137.

♦ "Fui para o seminário de oferecido; Deus não me chamou! Aluno irrequieto e indisciplinado, só comecei a melhorar quando foi permitido o jogo de futebol no seminário em 1944. Dom José Gaspar, então Arcebispo de São Paulo, o havia proibido nos seminários da arquidiocese".

**Antônio Ivo Pezzotti**, insigne e histórico ex-aluno do Seminário de Pirapora (42/48) em artigo sobre futebol no Echus do Ibaté nº 85.

♦ "Ô, Constantino! No final, eles vão acabar ficando iguaizinhos a você aí, todo careca. Para com isso! Deixa os meninos em paz!"

É o **Mons. João Kulay** testemunhando a grande bronca dada por um mui zangado Mons. Constantino a cerca de dez alunos que, descendo as escadarias da capela, estavam com seus cabelos todos muito bem penteados, cheirosos e untados de Glostora, aquela "pastinha".

Colaboração do ibateano **José Justo da Silva [Boulanger] (51/57)**.

♦ "Memoria est facultas obliviscendi". Pior que esquecer é subverter o sentido".

**Padre Ruy Amaral Mello**.

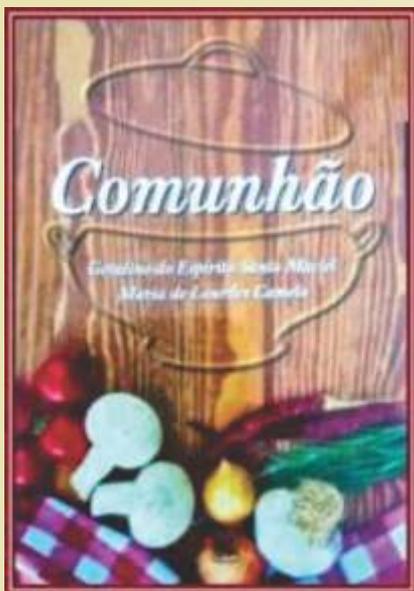
Colaboração do ibateano **José Moreira de Souza [Cafezal] (55/59)**

agradecemos toda colaboração, conforme o modelo acima, que poderá ser enviada para nosso endereço de correspondência, ou pelo e-mail echusdoibate@gmail.com

# Comunhão



Joaquim Benedicto de Oliveira (Quinzinho)\*

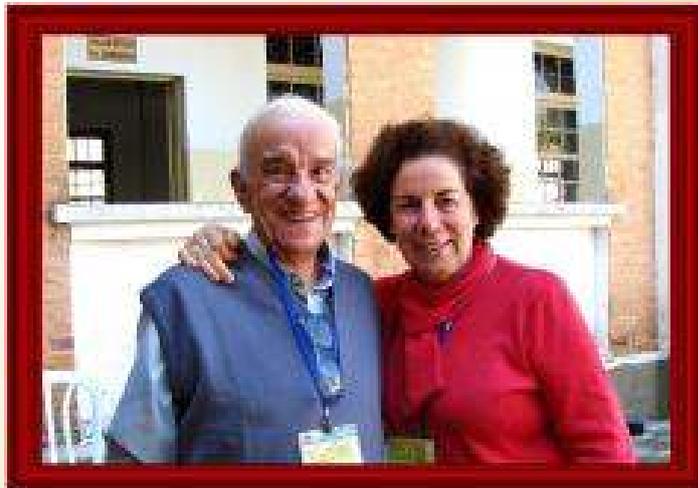


É muito gratificante ouvir o conselho de Guimarães Rosa, lembrado por **Maria de Lourdes Camelo**, logo no início de seu livro *Comunhão*: "e escute desarmado..." Essa é sem dúvida a maneira cabocla de traduzir o convite para se ler livremente, sem amarras de qualquer espécie. Assim, a primeira lição que entrevejo nas linhas deste maravilhoso conjunto de crônicas é o apelo para compreender a leitura como audição. Perspectiva inicial do contador de estórias, "...o senhor escute, me escute mais do que estou dizendo".

Pronto. Já no início do livro e da primeira crônica, estão criadas as condições para o exercício literário como comunicação direta "falar é escrever; ouvir é ler". É conversa de gente capaz de interagir e compartilhar. E a maior recompensa vem da leitura: é conversa de gente do povo, falando sobre o povo, da vida do povo. Sem artifícios, sem propaganda e sem conversa fiada mas, ao contrário, com oferta de limpidez e sabedoria popular. Uma conversa afiada nos limites da confiança, nos confins do abraço anímico mais saudável e purificador das dores humanas.

E **Getulino do Espírito Santo Maciel**, o outro cronista do mesmo livro, fazendo de suas crônicas um retrato d'aquelas mãos de sua mãe, a mãe de suas mãos, enxuga pavores que vivemos nestes tempos de desilusão civilizatória. E faz "o sino da pequenina igreja de São Sebastião" descer "pela Rua do Meio seis badaladas tristes de hora que silencia". E só o silêncio permite dialogar com Dona Benedita, "aquela cheia de fitas, laços, latas" e sem ninguém.

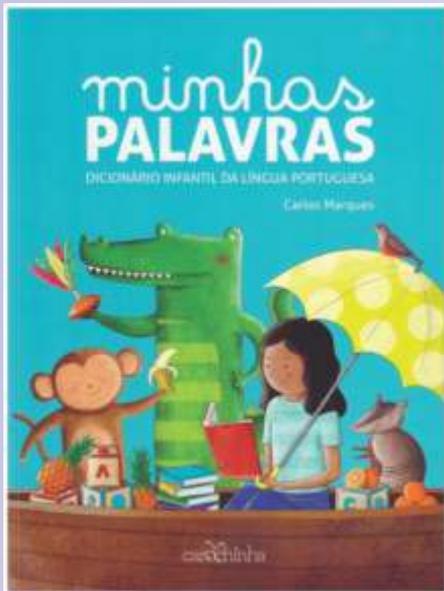
Ó de casa, o livro de crônicas *Comunhão*, de Getulino do Espírito Santo Maciel e Maria de Lourdes Camelo, é um encantamento nascido da magia simples da voz popular. É um manual lírico cujos poemas são compostos da linguagem simples do povo e destinados às almas simples dos leitores desarmados. É também um raro momento de exercício para se ouvir muito mais do que o escritor diz. Se há um pai que afirma que "a humanidade é má", agora há uma filha que diz que ainda há esperança na voz e na vida popular.



[O leitor interessado no livro *COMUNHÃO* poderá adquiri-lo, bastando-lhe um simples telefonema (12-3152.5037) para tratar diretamente com amigo ibateano Getulino do Espírito Santo Maciel (57/60) ou sua esposa, Maria de Lourdes Camelo. Pode também optar por enviar-lhe um e-mail (louget@uol.com.br) mencionando o endereço completo de destinatário. O custo, incluindo despesas de correio, fica em R\$ 30,00 e pode ser creditado na CEF Ag. 0319, CC. 21912-9 ou Banco do Brasil, Ag. 6524-2, C.C. 11634-3 CPF 145.101.548-87].

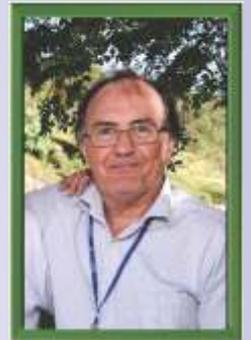
(\*) Joaquim Benedicto de Oliveira-Quinzinho, 80 (50/56) é Doutor em Literatura Brasileira, professor aposentado da PUCSP [joka.oliveira@uol.com.br](mailto:joka.oliveira@uol.com.br)

# Zaqueu, o organista que toca palavras



Entre nós, ibateanos, mais um autor se apresenta: agora é nosso cordial amigo **ANTÔNIO CARLOS MARQUES (60/65)**. Conhecido como Zaqueu e organista oficial de São Roque, o agora jornalista de profissão lançou no dia 21 de janeiro seu livro *Minhas Palavras*, pela Editora Carochinha. Trata-se de um *Dicionário Infantil* da Língua Portuguesa com o qual Zaqueu oferece seu levantamento crítico de palavras usadas pelas crianças no dia a dia. É possível, então, para o leitor, encontrar-se com dois mundos encantados: o das crianças e o das palavras. Fiel a sua permanência por alguns anos no Seminário de São Roque, Zaqueu entende o trato das palavras como uma oportunidade de exercer seu pensamento crítico das palavras, pois é formado em Filosofia - estudou no Seminário Central do Ipiranga até meados do curso de Teologia. Mas, ao mesmo tempo, amplia esse objetivo exercendo de algum modo o ofício de evangelizar incutido em sua alma desde os tempos do Ibaté.

Antes de tudo, seu trabalho é honesto: deu o melhor de si, preocupou-se com todos os detalhes e a cada instante aperfeiçoou frase por frase, palavra por palavra, todas elas muito bem trabalhadas, pesquisadas, estudadas e repetidamente revistas. Ao término de sua redação, submeteu-a à apreciação de uma profissional altamente especializada no assunto, a Profa. Ieda Maria Alves, da Faculdade de Educação da Universidade de S. Paulo, recebendo dela plena aprovação



em vista de evidente cuidado e dedicação ao longo de toda construção.

"Não é fácil! Não é fácil sentar-se frente a uma criança e querer com ela conversar de uma maneira inteligente e construtiva, pois é sempre necessário muita atenção e delicadeza, muita concentração e cuidado para encontrar-se a melhor forma de fazê-lo. E quanto a escrever então?!? Escrever, nem te digo..., de tal modo que ela ao ler possa realmente compreender. É quando a dificuldade é ainda maior".

Com esse trabalho, foi imperativo o desejo de efetivamente acrescentar e contribuir, a fim de que a criança seja bem construída e bem apresentada ao universo das palavras e, objetivamente falando, se desenvolva de modo sadio e que viva bem... Na educação, de modo geral, há muitas faltas... falta-lhe, sobretudo, estimulação. E para tanto, inúmeros recursos foram utilizados: o primeiro mandamento é que a criança em seu crescimento seja estimulada a tudo... deve ser motivada a conviver bem com os vocábulos... são as Minhas Palavras, afinal ... muitos são os oferecimentos de leitura, encorajamentos a pesquisa para tornar-se curiosa e diligente. Há, então, diversas brincadeiras gostosas, brincadeiras que podem acontecer com seus amigos ou consigo mesma em seu dia a dia, exemplos, historinhas, recursos das mitologias, trava-línguas, fábulas, explicações, curiosidades várias, "o que é o que é?", charadas...

Sabidamente o autor ensina e recomenda - evidenciando a importância do fator emocional em qualquer aprendizado - que a criança ao se deparar com alguma palavra desconhecida no texto que lê, primeiramente procure perceber no próprio texto alguns sinais que subentendam seu significado, formando ela mesma uma ideia de seu sentido. Somente após a formação pessoal dessa imagem é que então deverá buscar um dicionário, momento certo em que lhe ocorrerá tanto os

acertos e correções a fazer, como o tão almejado "insight", o "eureka", e com isso o assentamento permanente desse novo conhecimento verdadeiramente conquistado: "Eu apostei e investi tudo para favorecer o entendimento que a criança possa ter das palavras e da sua importância na vida".

Expostas a essas estimulações tão bem elaboradas, as crianças viverão um impacto particularmente profundo sobre o quanto de extensão e profundidade que conseguirão atingir, como adultos, a compreender, discernir, escolher, apreciar e desfrutar de suas leituras. Grandes e ativas leitoras, certamente, a expectativa de todos nós.



**Colegas ibateanos prestigiam a tarde de autógrafos**

Esse livro é excelente presente para as crianças... e adultos também.: Natal, aniversário, amigo secreto, mimo, surpresa, presente avulso longe de datas oficiais. Poderá adquiri-lo nas livrarias e também na editora (<http://www.carochinhaeditora.com.br>). Se julgar interessante dedicatória e o autógrafo em nome do presenteado, não hesite em se comunicar e entrar em acordo diretamente com o Zaqueu: 11-99805.3292 (Cel & WhatsApp) ou por e-mail: marqac1@gmail.com



"Saudade é a nossa alma  
dizendo para onde  
ela quer voltar."  
Rubem Alves

Em tempos idos me referi ao fato de que a "Livraria Da Conde", no Leblon, Rio de Janeiro, reeditou um concurso realizado na França entre acadêmicos, destinado a eleger a mais bela palavra da nossa língua portuguesa.

E não é que das palavras selecionadas, a grande vencedora foi SAUDADE, entre muitas outras como: amor, amizade, paz, felicidade, alegria, vida alma, esperança, liberdade, borboleta, menina, beijo, ternura, arco-íris, sorriso, vaga-lume, beija-flor, abraço, carinho, carícia, lágrima, lembrança, anjo, andorinha, paisagem, família, sabedoria, sol, mar, mãe, luz, graça, perdão e até a palavrinha amém.

Confesso que também votaria na palavra **saudade**, não só pelo seu aspecto simplesmente material, ou seja, pronúncia agradável e melodiosa, como também pelo seu significado e a mensagem que transmite.

Pois bem, no dia 30 de janeiro comemorou-se o Dia da Saudade. Mas o que é a **saudade**, qual a origem do vocábulo? Vem do latim **solitas**, **átis** (**solitate**) que na tradução literal quer dizer **solidão**.

Mas em nossa língua adquiriu um significado bem mais romântico. O Dicionário Aurélio define a **saudade** como sendo substantivo feminino. Lembrança nostálgica e, ao mesmo tempo, suave, de pessoas ou coisas distantes ou extintas, acompanhada do desejo de tornar a vê-las ou possuí-las; nostalgia.

A verdade é que não há uma definição específica, mas abrangente. Cada um a define do jeito que a sente, pois a raiz de uma **saudade** está em quem a cria e todos os seus frutos em quem apenas a deixou. Diz o poeta que: **"A saudade abre lacunas que devem ser preenchidas com vibrações de esperança, otimismo e serenidade"**. E o poeta tem razão. Temos **saudades** de pessoas, de momentos, de situações, de lugares. Sentimos falta de tudo que nos faz bem. E, como dizem que lembrar é viver, a **saudade** nos transporta para um tempo em que fomos mais felizes trazendo, muitas vezes, lembranças doloridas.

Para **Casimiro de Abreu**, poeta romântico, a **saudade** é reminiscência de um tempo que já passou: **"Oh! Que saudade que tenho/Da aurora da minha vida/Da minha infância querida/Que os anos não trazem mais!"** Para os compositores **Antonio Almeida** e **João de Barro (Braguinha)**, a **saudade** envolve um sentimento de dor: **"A saudade é dor pungente, morena/ A saudade mata a gente, morena"**.

Como tinha razão **Elpídio dos Santos** quando compôs **"A Dor da Saudade"**, interpretada por **Mazzaropi**, ao dizer: **"A dor da saudade./Quem é que não tem./ Olhando o passado/quem é que não sente/ saudade de alguém..."**

**Hermínio Gimenez**, compositor de **"Meu Primeiro Amor"**, transmitiu uma sensação de tristeza: **"Saudade, palavra triste/quando se perde um grande amor,/ na estrada longa da vida/ eu vou chorando a minha dor."**

Enfim, na visão do poeta, que seja a **saudade**:

**"Um misto de alegria, tristeza, melancolia.  
Lembranças de um passado que o tempo absorveu...  
Róseas sombras de corações, envoltas em nostalgia.  
Que quem sentiu de verdade.  
Nunca jamais esqueceu."**

(\*) Joel Hirenaldo Barbieri, 80 (51/58), licenciado em Letras e Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. Aposentado no cargo de Diretor da Câmara Municipal de Taubaté. Escritor e Poeta. Membro da Academia Taubateana de Letras. Joel.hirenaldo@terra.com.br

# IBATÉ NA SÃO SILVESTRE

## LISTAGEM EXTRA OFICIAL (PARA CONFERÊNCIA DE TEMPO)

EVENTO: 93ª CORRIDA INTERNACIONAL DE SÃO SILVESTRE - 23. CORRIDA 15K 15 KM  
RELATÓRIO: RELATÓRIO FAIXA ETÁRIA MASCULINO - M0604  
ENCONTRO: 1181 RESULTADO(S)

CLASSIFICAÇÃO	NUM	ATLETA	IDADE	EQUIPE	TEMPO
181ª	5303	ARTUR SCUDLER NETO	90	DPH	01:29:09 01:27:02
182ª	6760	RYAJO BARBOSA CARDOSO	81		01:27:36 01:27:16
183ª	5204	LUIZ SONZAGA SILVA DE OLIVEIRA	83	PISTRE PRETAS	01:28:08 01:27:56
184ª	12583	ANTONIO CARLOS PEREIRA	80	OVISA	01:30:30 01:27:30
185ª	6220	JOAO JUSTINO FELHO	90	CORRENDO COM JESUS	01:30:30 01:27:23
186ª	10368	SEBASTIAO APARECIDO DE MATTO	81	ALIANÇA	01:27:57 01:27:23
187ª	5801	DANIEL RODRIGUES CARNEIRO	81	CASA DO CORREDOR	01:30:08 01:27:40
188ª	13007	ANTONIO COSME CHAVES FEITOSA	84	ASSOCIACAO DE CORREDORES DE RUA DE CAMPINA GRANDE	01:28:29 01:27:40
189ª	12796	ANTONIO DA APARECIDA SIMÕES CUCIO	62	TURMA DO IBATÉ	01:30:00 01:27:40
189ª	8424	LEONALDO POLLACK	81		01:30:07 01:27:34

Repetindo os feitos de anos anteriores, mais uma vez, nosso colega ANTONIO DA APARECIDA SIMÕES CUCIO (67/68), o nosso Sherlock Holmes, participou da 93ª CORRIDA INTERNACIONAL DE SÃO SILVESTRE, tradicional prova paulistana realizada no último dia 31 de dezembro de 2017.

Nosso colega, representando a Turma do Ibaté, alcançou a 4444ª posição entre os mais de 40.000 inscritos e, na sua faixa de idade, 60 a 64 anos, alcançou a 189ª posição, percorrendo os 15 km em (tempo corrigido) de 1:27:48 hora, sua melhor performance desde 2011.

Desempenho do nosso colega nas últimas 7 edições da SÃO SILVESTRE:

2011, 6700ª posição, na faixa etária 55/59 anos = 398ª posição, tempo: 1:29:05 hora  
2012, 7795ª posição, na faixa etária 55/59 anos = 493ª posição, tempo: 1:35:01 hora  
2013, 10077ª posição, na faixa etária 55/59 anos = 652ª posição, tempo: 1:39:04 hora  
2014, 6620ª posição, na faixa etária 60/64 anos = 290ª posição, tempo: 1:34:19 hora  
2015, 4460ª posição, na faixa etária 60/64 anos = 196ª posição, tempo: 1:29:50 hora  
2016, 6126ª posição, na faixa etária 60/64 anos = 307ª posição, tempo: 1:40:52 hora  
2017, 4444ª posição, na faixa etária 60/64 anos = 189ª posição, tempo: 1:27:48 hora

Parabéns, mais uma vez ao SIMÕES que com sua felicidade e entusiasmo nos proporciona muitas alegrias.



FLUXO FINANCEIRO - Posição até 31.01.2018	
<b>POSIÇÃO EM 30.11.2017</b>	<b>12.273,45</b>
<b>ENTRADAS</b>	
Contribuições e doações	760,00
Juros	98,33
<b>TOTAL ENTRADAS</b>	<b>858,33</b>
<b>SAÍDAS</b>	
Diagramação Echus 152	720,00
Despesas Correios	34,65
Despesas Bancárias	57,50
<b>TOTAL SAÍDAS</b>	<b>812,15</b>
<b>SALDO ATUAL 31.01.2018</b>	<b>12.319,63</b>
<b>Tesoureiros:</b>	
Carlos Domingues Cosso - Wilson Mosca	

## AGRADECIMENTOS

A Turma do Ibaté agradece as contribuições recebidas no período de 01.12.2017 a 31.01.2018, dos seguintes colegas: Antonio Carlos Correa, José Ecio Pereira da Costa Junior, José Fernandes da Silva, José Justo da Silva, Roberto Lui e Vicente de Paulo Moraes. Sempre que for feito algum depósito, enviem-nos esta informação pelo email ou por correspondência (vide item CONTRIBUIÇÕES no EXPEDIENTE).

## EXPEDIENTE

Echus do Ibaté é publicação dos ex-alunos do antigo Seminário Médio/Menor Metropolitano Imaculado Coração de Maria, o Seminário do Ibaté-São Roque-SP- Brasil, com distribuição gratuita aos amigos que formam a Turma do Ibaté.

**Colaboradores deste número:** Adriano Catozzi (Jornal Cruzeiro do Sul-Sorocaba-SP), Agni Ariel Libera, Alfredo Barbieri, Almir Simões, Antonio Carlos Correa-Careca, Antonio Jurandyr Amadi, Claudio Giordano, Jaime Pina da Silveira, Joaquim Benedicto de Oliveira-Quinzinho, Joel Hirenaldo Barbieri, José Lui, Otto Mello e Walter Barelli.

**Contribuições:** O Informativo mantém-se das contribuições voluntárias dos membros de seu grupo. Podem ser feitas em nome do colega Carlos Domingues Cosso (Cpf 024.626.218-49) por meio da conta bancária no BRADESCO, Ag. 3191 (Largo Arouche), C/C 14399-5. Tão logo seja realizado algum depósito, envie-nos, por favor, um e-mail ou uma correspondência para que possamos identificá-lo, a menos que queira fazê-lo anonimamente.

**Equipe Responsável:** Wilson Mosca, Carlos Domingues Cosso, Attilio Brunacci, Paulo Francisco Toschi e José Justo da Silva.

Artigos, colaborações, contatos e correspondências: enviar para ECHUS DO IBATÉ, A/C Wilson Mosca, Rua Caiowaa, 1872 - apto. 34 - CEP 01258-010 - São Paulo-SP.

**Responsabilidade:** As opiniões expressas nos artigos assinados e nas entrevistas representam o ponto de vista de seus autores e não necessariamente o da equipe responsável.

**Internet:**

- E-mail: echus@zipmail.com.br ; echusdoibate@gmail.com
- Blog do Ibaté: www.ibate-sp.blogspot.com
- E-mail do Blog do Ibaté: ibate.sp@gmail.com
- Palavra de Seminarista" (livro): www.paulo.toschi.blog.uol.com.br
- Fotoblog (fotos do Ibaté): www.paulo.toschi.fotoblog.uol.com.br
- Twitter Amigos do Ibaté: http://twitter.com/echusdoibate
- Comunidade IBATEANOS no Facebook
- Echus do Ibaté nas nuvens: links http://177.103.223.197/Echusdoibate/

**Diagramação:** Conexão Propaganda

